



Arqueologia de um clássico: Resenha de “Um clássico por Amadurecimento: Estudos sobre Raízes do Brasil” de Luiz Feldman

Helio Cannone¹

RESUMO

Na obra “Um clássico por Amadurecimento: Estudos sobre Raízes do Brasil”, Luiz Feldman realiza um estudo filológico e comparativo das três primeiras edições do clássico *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Partindo de um método influenciado pelo contextualismo lingüístico de Quentin Skinner, Luiz Feldman revela novas interpretações sobre o clássico de 1936, as quais, segundo o autor, só viriam a merecer tal alcunha a partir de 1948.

Palavras-Chave: Luiz Feldman, *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda.

Recebido em 19/06/2017

Aceito para publicação em 25/07/2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.25067/s.v1i21.16707>

Introdução

O que faz de um livro um clássico? Para Ítalo Calvino é o fato de ele nunca acabar de dizer o que tem a dizer. Já para o escrito sul-africano J. M. Coetzee o que define um clássico é sobreviver, então para uma obra ser consagrada com tal título ela precisa ser constantemente interrogada sobre o seu sentido, mesmo que de forma hostil. Para o autor, um clássico que precisa ser protegido de críticas não merece este epíteto.

É a partir dessas duas definições que Luiz Feldman dá o título ao seu livro: “Clássico por amadurecimento: Estudos sobre Raízes do Brasil”, publicado pela Topbooks em 2016. Para o diplomata – mestre em Relações Internacionais e professor assistente de leituras brasileiras no Instituto Rio Branco – o livro escrito por Sérgio Buarque de Holanda e publicado pela primeira vez em 1936 é um clássico justamente por conta dessas duas

¹ Bacharel e Licenciado em História pela PUC-Rio, Mestrando em Ciência Política no IESP-UERJ. E-mail para contato: helio.cannone@gmail.com.

definições. Contudo, o autor tem uma ressalva: *Raízes do Brasil* é um clássico, mas por amadurecimento.

Feldman constrói a noção de clássico por amadurecimento para contrapor-se a definição dada por Antônio Candido em texto que acompanha o livro de Sérgio Buarque desde a quinta edição. Em “O significado de *Raízes do Brasil*” Antônio Candido (2006) apresenta a obra como um clássico de nascença. Com isso o crítico literário pretende apresentar que Sérgio Buarque desde jovem apresentava inclinações para a esquerda no espectro político e seu livro, desde a primeira edição, carregava opção sincera pelo povo como transformador da realidade nacional. Em texto posterior, publicado como *Post-scriptum* à *Raízes do Brasil* em 1986, Antônio Candido (2006) esboçara uma explicação estrutural para as três obras que ele interpretara como componentes de uma geração ensaísta das ciências sociais e que representariam o radicalismo intelectual despertado após a revolução de 1930. Desde modo, *Casa Grande & Senzala* – de Gilberto Freyre – era expressão do liberalismo das classes dominantes, o livro de Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo* exprimia a ideologia da classe trabalhadora através do marxismo. Já *Raízes do Brasil*, recebia o lugar de representante do radicalismo das classes médias, com o timbre diferenciado de optar pelo povo como protagonista da política.

O livro de Luiz Feldman não pretende discordar totalmente da interpretação dada por Antônio Candido, mas corrigi-la de seus anacronismos. De fato, *Raízes do Brasil* pode ser visto como uma obra que apresenta uma visão política inovadora através de uma defesa radical da democracia, só que não em 1936, data de publicação da edição Princeps. Para Feldman, somente a partir de 1948, quando publicada a segunda edição do livro, que a interpretação de Antônio Candido passa a fazer sentido. Nas palavras de Feldman: “*O discurso sobre Raízes do Brasil assimilou esse anacronismo como um fato*” (FELDMAN, 2016, p. 34). Em outras palavras, o autor vê como um erro histórico atribuir a primeira edição do livro em 1936 defesas feitas pelo autor somente na segunda edição, em 1948. Assim, *Raízes do Brasil* não é um clássico de nascença, mas por amadurecimento. O professor do instituto Rio Branco retoma a definição de clássico e pergunta ao leitor o que permite enquadrar *Raízes do Brasil* em tal conceito. Conclui então que se a definição se baseia em uma delicada discussão histórica e escrita apurada, o livro é clássico desde 1936. Mas se a definição só serve por conta de o livro apresentar uma visão política inovadora, então só em 1948 *Raízes do Brasil* se torna um clássico.

Entretanto, o mérito do livro de Luiz Feldman não está só no melhor

enquadramento conceitual de Raízes do Brasil, mas no próprio empreendimento que ele se pretende: um conjunto de estudos sobre o livro de Sérgio Buarque de Holanda. Tal coleção é composta por três textos que originalmente eram artigos do autor em revistas acadêmicas e um inédito, que compõe o último capítulo da publicação. O fato da obra ser composta por textos diversos faz com que a mesma perca um pouco de sua organicidade, uma vez que em certos momentos o leitor pode se deparar com argumentos se repetindo ou até mesmo hipóteses iguais sendo enfatizadas em capítulos diferentes. Contudo, isso permite também que os capítulos sejam lidos separadamente por um eventual leitor interessado em se aprofundar em apenas uma das temáticas abordadas, ou mesmo que o livro como um todo seja lido em outra ordem além da indicada no índice.

Embora escritos em períodos distintos, há também certa unidade na publicação: todos os capítulos são – tal como sugere o subtítulo – estudos do seu autor sobre talvez a obra mais famosa de Sérgio Buarque de Holanda e que compartilham um mesmo método e forma. Feldman deixa entrever em todos os capítulos a influência de método associado ao historiador e cientista político Quentin Skinner (1969) para análise histórica de textos desenvolvidos por intelectuais. De modo simplificado, o método do autor pode ser descrito como uma busca de reconstituir o sentido de uma obra a partir de seu significado em sua época de escrita, os diálogos que estabeleceu e como foi recepcionada. É justamente essa tarefa que Luiz Feldman se incube de realizar em “Clássico por amadurecimento” ao realizar uma verdadeira arqueologia do texto de Sérgio Buarque de Holanda, produzindo uma História intelectual de Raízes do Brasil.

Uma publicação que pretende analisar um dos mais conhecidos ensaios de interpretação do Brasil não pode deixar a questão da forma de lado. Por isso, também, não parece inocente o fato de autor adjetivar o conjunto dos textos que compõem seu livro como “estudos”. Por mais de uma vez o autor deixa claro que seus estudos são uma série de hipóteses lógicas sobre Raízes do Brasil os quais ele não pretende que encerrem a discussão. Nas palavras do próprio: “Concatenar as partes da primeira edição de Raízes do Brasil não é tarefa simples, e menos ainda extrair de sua leitura uma conclusão unívoca” (FELDMAN, 2016, p. 175). Contudo, no decorrer do texto ele as apresenta como conclusões que chegou através de uma intensa dedicação, aplicando métodos apurados. Portanto, situado entre os extremos de um texto fechado de natureza científica e um ensaio essencialmente plástico e pouco empírico, o livro de Feldman não parece ter melhor qualificação do que “Estudos”.

Após prefácio feito pelo pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz no Rio

de Janeiro, Robert Wegner, o livro apresenta “notas do autor” e “introdução” nas quais Feldman descreve seu empreendimento e explica como ele será realizado em cada capítulo, a partir de uma divisão temática. O primeiro estudo intitula-se “Um clássico por amadurecimento” e segundo o autor é uma versão “bastante alterada” (FELDMAN, 2016, p. 30) de artigo publicado originalmente na Revista Brasileira de Ciências Sociais em junho de 2013. Neste capítulo, Feldman busca explorar as diferenças entre as três primeiras edições de *Raízes do Brasil*, a primeira em 1936, a segunda em 1948 e a terceira em 1956. As principais mudanças foram feitas entre as duas primeiras, mas a terceira, em alguns momentos também recebe a atenção do autor visto que algumas alterações importantes foram feitas.

Feldman analisa as alterações a partir de quatro temas que, segundo o autor, mudaram substancialmente entre as primeiras edições. O primeiro deles é o valor dado a tradição ibérica. Se na edição de 1936 tratava-se de um legado que deve despertar orgulho no brasileiro, em 1948 passa a significar uma inconveniente barreira para a modernização do país. Na edição Princeps Sérgio Buarque defendia que os produtos gerados pela tradição ibérica no Brasil deveriam ser conciliados com o moderno e não apagadas, pois são estas características que singularizariam o país.

Outro tema, que segundo Feldman é bastante alterado nas edições é a Cordialidade, provavelmente um dos conceitos – se não o principal – mais associados a obra de Sérgio Buarque de Holanda, que, inclusive, deu margem a diversas interpretações e usos posteriores nas ciências sociais no Brasil. Para Feldman, que não atoa nomeia o subcapítulo de “Um homem polêmico”, as alterações se devem principalmente aos atritos de Sérgio Buarque com Cassiano Ricardo, discussão que o autor busca reconstituir com aparente enfoque “skinneriano”. Para Luiz Feldman: “*É na recapitulação da contenda que ganham sentido as mudanças no tratamento do conceito*” (FELDMAN, 2016, p. 70). O autor, inclusive, chama atenção para o fato de que na terceira edição, de 1956, textos dos dois autores sobre a questão da Cordialidade são reproduzidos.

O fundo da discussão, segundo Feldman, seria fruto de um relativo equívoco por parte de Cassiano Ricardo, ele teria dado a Cordialidade o sentido de polidez, sentido diferente do que Sérgio Buarque dera ao termo. Para Sérgio, Cordialidade seria um fundo emocional muito rico. Por outro lado, o equívoco teria sido apenas relativo, uma vez que Feldman apresenta que o próprio autor de *Raízes do Brasil* teria se referido ao termo em 1936 como sinônimo de

bondade. Assim, em 1948 o autor de *Raízes do Brasil* acrescenta nota no qual define expressamente o que é Cordialidade, mas sem deixar de aumentar sua definição: se antes era sinônimo de bondade, agora esse fundo emocional transbordante passa a incluir, em concepção inspirada por Carl Schmitt, amizade e inimizade. O fato do autor ter retirado os termos de um autor estrangeiro também não parece inocente, se antes tratava-se de uma especificidade nacional, em 1948 a cordialidade era preenchida de caráter universal e com isso perdia a característica que mais empolgava Sérgio Buarque. Nas palavras de Feldman: “*A morte do homem cordial representava o fracasso de um projeto*”. (FELDMAN, 2016, p. 81)

O terceiro conjunto de alterações entre as edições diz respeito a qual era a forma política adequada para o Brasil depois da crescente urbanização que o país vinha passando. Na primeira edição afirma-se que o Estado não pode se realizar plenamente se negar o legado da colonização, já na segunda parece ser justamente o oposto: a formação completa do Estado depende da superação dos arcaísmos da herança ibérica. Embora as duas edições apresentem críticas contundentes ao liberalismo – e principalmente a sua aplicação como transplante de ideias estrangeiras no Brasil durante o século XIX – na primeira edição o autor parece distinguir pouco esta corrente política da própria ideia de democracia. Segundo Feldman somente na segunda edição a solução apresentada seria uma democracia radical de fundo popular. Antes disso, na edição de 1936, o personalismo, enquanto herança ibérica para a América Latina, tinha fundo positivo e a forma política mais adequada para o Brasil seria a que levasse a cultura da sociedade de encontro com a institucionalidade, deste modo, uma solução autoritária não era descartada.

O último conjunto de alterações que Feldman analisa no primeiro capítulo de seu livro também é consequência de uma análise por parte do autor de *Raízes do Brasil* acerca do transplante. Trata-se do tema do desterro. Em 1936 Sérgio Buarque de Holanda entendia que passamos a ser desterrados em nossa terra quando no século XIX o liberalismo aparece como doutrina inorgânica que viria a desordenar o transplante bem-sucedido da cultura ibérica realizada no Brasil. Na análise de Feldman isso sofre uma alteração radical em 1948: desterro deixa de significar equívoco do transplante de doutrinas estrangeiras para significar o descompasso entre a cultura ibérica e as transformações que se faziam necessárias na sociedade brasileira, ou seja, o desterro deixa de ser a condenação de uma ordem liberal para ser a defesa da necessidade de uma ordem democrática que leve o Brasil para os rumos da civilização.

O segundo estudo que faz parte do livro chama-se “Organizar a desordem” e é versão estendida de artigo publicado originalmente na Revista Dados em dezembro de 2015. O título é batizado a partir da análise do autor de que o projeto político da primeira edição de Raízes do Brasil era organizar a desordem através da correção dos excessos da cordialidade por algum grau de civilidade. Apesar de ser fenômeno cultural a ser valorizado, a cordialidade precisava ser temperada com civilidade para que fosse capaz de conviver com a ordem pública.

Neste capítulo Luiz Feldman propõe-se reestabelecer os diálogos de Sérgio Buarque com dois autores entendidos como fundamentais para o diagnóstico gerado pela primeira edição de Raízes do Brasil, são eles: Francisco de Oliveira Vianna e Gilberto Freyre. Este estudo evidencia o que há talvez de mais instigante no livro de Feldman: pensar Raízes do Brasil como um livro brasileiro. Embora influenciado por ideias de autores alemães como Max Weber e Carl Schmitt, Sérgio Buarque constrói suas principais proposições a luz de debates inseridos na esfera doméstica do país e como crítico do transplante de ideias estrangeiras é um livro que não fez o que condenou, mas se apropriou dessas ideias a fim de degluti-las e gerar algo que difere das mesmas. Além disso, a análise de Feldman deixa entrever que para o autor de Raízes do Brasil as ideias importadas não eram mais importantes que as nacionais para a construção de seu livro, ao contrário disso, parece que a tradição do pensamento político brasileiro foi fundamental para as conclusões presentes em Raízes do Brasil.

Tanto Oliveira Vianna quanto Sérgio Buarque eram críticos ao transplante das ideias estrangeiras e compreendiam que na interação com a realidade as primeiras são adequadas a segunda. Os autores compartilhavam também o destaque dado ao ruralismo, seja na Insolidariedade de Oliveira Vianna ou na Cordialidade de Sérgio Buarque. Ambos viam no Brasil uma sublevação do privado sobre o público e criam figuras alegóricas para representar o ser nacional embebido desta característica: Homo Rusticus em Oliveira Vianna e Homem Cordial em Sérgio Buarque.

Feldman resolve a questão de um aparente tom crítico do autor de Raízes do Brasil sobre o de Populações Meridionais do Brasil apresentando que eles se distinguiam pelo tipo de explicação usada para entender o ruralismo no Brasil. Enquanto o primeiro tinha uma interpretação genética, na qual as formas sociais estabelecidas eram sempre vazadas na forma ibérica, o segundo era adepto de uma visão situacional, na qual o ambiente da América moldava formas sociais

originais. Deste modo, enquanto Sérgio Buarque considerava o ruralismo herança ibérica direta, Oliveira Vianna a via como algo específico da América.

Já com Gilberto Freyre Sérgio Buarque compartilhava sua visão genética e o elogio da Cordialidade – uma vez que em Oliveira Vianna o conceito equivalente seria essencialmente improdutivo, já que dá vazão a localismos e impede a implementação de ordem pública racional e moderna. Não à toa, a primeira edição de *Raízes do Brasil* é prefaciada pelo intelectual pernambucano, afinal as proximidades eram diversas. Tanto Gilberto Freyre quanto Sérgio Buarque compartilham a o entendimento de que a herança ibérica no Brasil era positiva e carregava potencial político que devia ser desenvolvido. Para Freyre a categoria chave seria a Plasticidade, proveniente do Europeu, graças a ela o brasileiro seria avesso a impessoalidade, altamente adaptável e capaz de combinar distintas tradições sem com isso gerar uma síntese. Esse “equilíbrio de antagonismos” de Freyre seria altamente proveitoso para Sérgio Buarque de Holanda, uma vez que dá unidade para a nação brasileira e apresenta uma resposta com potencial criador para a política ao mesmo tempo em que é calcada na tradição e por isso expressão da cultura e do ser nacional. Segundo Feldman, esta seria a origem da famosa frase do quinto capítulo de *Raízes do Brasil* na qual a Cordialidade é apresentada como a contribuição brasileira para a civilização.

O estudo seguinte de Feldman é intitulado “destino e itinerário”, publicado originalmente na Revista *Serrote* nº 20 e apresentado como seminário para o Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. O intuito do capítulo é aprofundar a discussão sobre a saída política indicada por *Raízes do Brasil*. A hipótese principal a ser sustentada nesta parte do livro é que com as mudanças que Sérgio Buarque faz entre 1936 e 1948 a solução a ser apontada também se modifica. Em 1936 a proposta era a valorização do legado colonial que por sua vez leva a um contraponto entre tradição (cordialidade) e modernidade (civildade). Por sua vez, a edição de 1948 carrega o projeto político que consagrou a obra: a defesa da ruptura com o passado – visto agora criticamente – via uma revolução não violenta que fortalecesse a civildade.

O terceiro capítulo é o menor do livro, tendo a metade do número de páginas da média aproximada dos demais. Em certa medida, ele reproduz muito do que já foi apresentado por outras vias em capítulos anteriores. Talvez uma outra maneira de ele estar presente no livro seria sob a forma de conclusão, devidamente alterado para tal fim. Contudo, este estudo não perde seu mérito por causa dessas características, ele apresenta de forma encadeada as mudanças

de análise histórica e sociológica entre as duas primeiras edições de *Raízes do Brasil* que levaram a modificação de sua mensagem política. Na conclusão do capítulo Luiz Feldman se vale do conceito de Conservadorismo como forma do filósofo setecentista Edmund Burke para explicar que *Raízes do Brasil* muda para se manter. Luiz Feldman define tal característica pela própria forma do texto, que é um ensaio. Seria característico de tal tipo de escrita literária “...a oscilação constante do juízo valorativo acerca das generalizações propostas” (FELDMAN, 2016, p. 195). A forma do livro de Sérgio Buarque seria para Feldman um ponderador do conteúdo radical e ao mesmo tempo conservador da primeira edição do livro e a partir disso que o mesmo se torna inesgotável e consequentemente um clássico.

O quarto e último capítulo – este inédito – não é um estudo sobre *Raízes do Brasil*, mas sobre a recepção de sua primeira edição. Feldman defende que o livro de Sérgio Buarque teria sido parte das “*Raízes do Estado Novo*”, título do estudo. Segundo o autor, o livro de Sérgio Buarque foi fundamental para a construção da obra *Força, cultura e liberdade*, de Almir de Andrade, membro do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo e um dos principais ideólogos desse regime. A análise feita soa inovadora, uma vez que o próprio Feldman salienta no texto que a fortuna crítica não tem dado devida atenção a esta conexão, talvez isso se deve ao próprio anacronismo que o autor chama atenção como responsável pela equiparação das teses da edição de 1936 de *Raízes do Brasil* com as de 1948.

Embora o autor paulista tenha a partir dos anos 1940 se tornado explicitamente contrário ao Estado Novo, Feldman defende que a principal recepção da edição *Principes* era no campo autoritário defensor do regime, justamente o caso de Almir de Andrade. O intelectual se vale do conceito de *Cordialidade* de Sérgio Buarque para em *Força, cultura e liberdade* defini-lo como consequência do privatismo português que singulariza positivamente o Brasil frente as demais nações. Tal definição seria para Feldman absolutamente compatível com a do livro de Sérgio Buarque em 1936. Almir de Andrade dá ao conceito um caráter imutável que não estaria presente em *Raízes do Brasil* e amplia sua dimensão política para justificar um ajuste entre a cultura nacional e o arranjo político do país. Feldman não deixa de ressaltar que Oliveira Vianna e Gilberto Freyre estavam bastante presentes na obra de Almir de Andrade, contudo diz que só a *Cordialidade* fornece a noção estável de cultura de que ele necessita para o seu projeto político. Assim, *Força, cultura e liberdade* teria se apropriado do contraponto defendido por Sérgio Buarque de civilidade e cordialidade para traduzi-lo como um equilíbrio entre tolerância e força que

seria expresso pela figura de Getúlio Vargas que na análise de Feldman seria visto por Almir de Andrade como “...a consumação da cordialidade como método político” (FELDMAN, 2016, p. 232). O Estado novo seria para Almir de Andrade capaz de trocar lealdade do brasileiro por intimidade com o governante (positivamente) personalista.

No fim do capítulo Feldman apresenta que comparado com outros ideólogos do Estado novo, como Francisco Campos e Azevedo Amaral, Almir de Andrade tinha a peculiaridade de embasar sua análise na tradição. O autor deixa entrever que dos três Almir de Andrade era o único que defendia o Estado Novo a luz de uma análise da psicologia social do país e de certa noção da cultura nacional na qual Vargas aparecia como ajuste entre política e cultura. Embora todos fossem antiliberais, Almir de Andrade era para Feldman o único que partia de uma visão estruturada sobre o passado nacional e a matéria prima para tal empreendimento estava na edição Princeps de Raízes do Brasil.

O fim do capítulo – e também do livro – termina por situar Almir de Andrade como quem possivelmente “...melhor compreendeu as linhas de força de reflexão política da edição original de Raízes do Brasil” (FELDMAN, 2016, p. 252). Luiz Feldman só pode chegar a essa conclusão muito convincente – e ao mesmo tempo estranha à primeira vista – por conta de seus apurados estudos sobre o famoso ensaio de Sérgio Buarque de Holanda. Por via de uma cuidadosa análise dos diálogos estabelecidos pelo autor paulista, as mudanças entre as edições e sua recepção, o autor de “Clássico por amadurecimento: estudos sobre Raízes do Brasil” traz ao público interessado uma verdadeira arqueologia deste ensaio que ajuda não só a entendê-la em sua época, mas a torna humana a medida em que mostra o processo de amadurecimento do seu autor antes que o livro fosse consagrado como clássico. “*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*” (CAMÕES, 2003) palavras de Luís de Camões, que assim como todo clássico carregam um sentido contemporâneo inegável.

Referências

- CAMÕES, Luís Vaz de. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”. In: CAMÕES, Luiz Vaz de. **Obra completa**. São Paulo: Nova Aguilar, 2003.
- CANDIDO, Antônio. “O significado de Raízes do Brasil”, In: BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CANDIDO, Antônio. “*Post-scriptum*”, In: BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FELDMAN, Luiz. **Clássico por amadurecimento**: Estudos sobre *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016, 306 p.

SKINNER, Quentin. "Meaning and Understanding in the History of Ideas". *History and Theory*, vol. 8, nº 1, pp. 3-53, 1969.

JASMIN, Marcelo Gantus. "História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares". *Revista brasileira de ciências sociais*. São Paulo, vol. 20, n. 87, 2005.

Acheology of a classic: book review of "Um clássico por Amadurecimento: Estudos sobre Raízes do Brasil" by Luiz Feldman

ABSTRACT

At this book, Luiz Feldman does a filological and comparative study of the three firsts editions of Sergio Buarque de Holanda's *Roots of Brazil*. By the influence of the Quentin Skinner's method of linguistic contextualism, Luiz Feldman shows new interpretations of the classic book of Sergio Buarque that was written in 1936, but could be only called a classic in 1948.

Key words: Luiz Feldman, *Roots of Brazil*, Sergio Buarque de Holanda